

O surgimento interconfessional do movimento milerita e dos adventistas do sétimo dia

The interconfessional emergence of the Millerite movement and of the Seventh-day Adventists

Kevin Willian Kossar Furtado¹

Resumo

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) considera que sua procedência histórica remonta ao movimento milerita, a Wesley e aos reavivamentos evangélicos do século XVIII, aos anabatistas, aos reformadores protestantes, aos lolardos e valdenses, à Igreja Celta da Irlanda e Escócia, à Igreja perseguida dos três primeiros séculos da era cristã e a Jesus e os apóstolos. O presente artigo tematiza a compreensão adventista enquanto fruto e continuadora da Reforma Protestante e o surgimento interconfessional do movimento milerita e dos adventistas. Objetivamente, elencam-se as influências recebidas pelos adventistas – e que passam a integrar seu sistema de crenças – de uma série de grupos cristãos que o antecedem desde e antes da reforma e, pela consideração de que a IASD se constitui como herdeira direta do movimento milerita, que incluía cristãos de diversas denominações, liderados por Guilherme Miller, entende-se a origem dos adventistas enquanto esforço interconfessional. O trabalho categoriza-se como pesquisa bibliográfica baseada na literatura histórico-teológica adventista. Conclui-se que a presente revisão da história adventista permite identificar subsídios que podem contribuir para a inserção da IASD no diálogo ecumênico.

Palavras-chave

Reforma Protestante. Interconfessionalidade. Movimento milerita. Igreja Adventista do Sétimo Dia. Diálogo ecumênico.

Abstract

The Seventh-day Adventist Church (SDAC) considers that its historical background dates back to the Millerite movement, to Wesley and the eighteenth-century evangelical revivals, the Anabaptists, the Protestant reformers, the Lolards and Waldenses, the Celtic Church of Ireland and Scotland, the persecuted Church of the first three centuries of the Christian era and the Jesus and the apostles. This article discusses the Adventist understanding as fruit and continuity of the Protestant Reformation and the interconfessional emergence of the Millerite movement and Adventists. Objectively, the influences received by Adventists - and who come to integrate their belief system - from a series of Christian groups that precede it from and before the reformation are listed and, by the consideration that the SDAC constitutes a direct heir of the movement Millerite, which included Christians of various denominations, led by Guillermo Miller, it is understood the origin of Adventists as an interconfessional effort. The work is categorized as a bibliographical research based on Adventist historical-theological literature. Concludes that the present revision of the Adventist history allows to identify subsidies that can contribute to the insertion of the SDA in the ecumenical dialogue.

¹ Doutorando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestre em Ciências Sociais Aplicadas e bacharel em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Editor associado da *Caminhos de Diálogo – Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso*. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – código de financiamento 001. Contato: kevin@aol.com.br.

Keywords

Protestant Reformation. Interconfessionality. Millerite movement. Seventh-day Adventist Church. Ecumenical dialogue.

INTRODUÇÃO

O moderno adventismo do sétimo dia tem suas raízes no movimento do segundo advento, do início do século XIX. A crença no retorno de Jesus produziu maior impacto na América do Norte, mesmo que anunciada também na Europa e outras partes do mundo. O adventismo norte-americano recebeu sua principal herança do batista leigo Guilherme Miller (1782-1849), que nasceu em um lar cristão, mas trocou suas convicções religiosas pelo deísmo no início do século XIX. O deísmo se tornou popular na Europa e na América do Norte durante a última metade do século XVIII. Todavia, os “excessos” da Revolução Francesa, nos anos 1790, impulsionaram muitos a duvidar da razão humana como base para a vida em sociedade. Em função disso, houve um abandono generalizado do deísmo e um retorno ao cristianismo durante os 20 primeiros anos do século XIX (KNIGHT, 2000, p. 9).

Os adventistas creem que suas origens históricas retrogradam não somente ao movimento milerita das décadas de 1830 e 1840; elas estão mais longe: remontam a Wesley e os reavivamentos evangélicos do século XVIII, aos reformadores protestantes, como os lolardos e valdenses, baseiam-se na Igreja Celta da Irlanda e Escócia, na Igreja perseguida dos três primeiros séculos depois de Cristo, em Cristo e nos apóstolos. Porém, o adventismo se desenvolveu no grande despertar adventista dos primeiros anos do século XIX (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 13).

A Igreja Adventista (TIMM, 2004, p. 265) desenvolveu e ampliou um sistema de crença que continha as principais contribuições de segmentos específicos da tradição protestante, como os princípios hermenêuticos do historicismo e sua ênfase no cumprimento de certas profecias apocalípticas, o conceito de condicionalismo, que afirma que os mortos estão inconscientes na sepultura até a ressurreição, o de aniquilacionismo, o qual indica que todos os ímpios serão destruídos, e o interesse dos evangélicos norte-americanos pelo restauracionismo e sua ênfase no imperativo de restauração final das verdades bíblicas esquecidas pelo cristianismo pós-apostólico.

1 INFLUÊNCIAS HISTÓRICAS DOS ADVENTISTAS

O protestantismo norte-americano do século XIX se constitui como filho da Reforma do século XVI. Muitos adventistas sabem disso. Porém, erroneamente pensam que sua Igreja provém das ramificações reformistas de vanguarda de Martinho Lutero, João Calvino e Ulrico Zuínglio. Por mais que o conceito adventista de salvação pela graça mediante a fé emane, em partes, dos reformadores listados, a orientação teológica do adventismo se aproxima mais daquilo que os historiadores eclesiásticos chamam de a Reforma Radical ou os anabatistas. Enquanto a linhagem capital da Reforma Protestante conservou práticas como o batismo infantil

O surgimento interconfessional do movimento milerita e dos adventistas do sétimo dia

e o apoio/financiamento estatal da Igreja, os anabatistas recusaram essas condutas. Contrariamente, eles preconizavam uma Igreja de fiéis em que o batismo se realizasse como resultado da fé e que defendesse o afastamento entre Igreja e Estado. Por mais que os primeiros reformadores tenham elaborado o conceito de *sola scriptura*, os anabatistas acusavam as principais igrejas reformadas de serem incoerentes com essa crença. O anabatismo apregoava um cabal retorno aos ensinamentos bíblicos e considerava um erro parar onde Lutero, Calvino e Zuínglio tinham avançado teologicamente, além de se afastar da elaboração de credos e de buscar se aproximar do que considerava como os ideais da Igreja do Novo Testamento (KNIGHT, 2011, p. 29).

Os anabatistas não exerceram muito impacto institucional sobre a religião norte-americana do início do século XIX. Todavia, o senso anabatista permeou as denominações evangélicas da época. Essa influência foi mais sentida no que os historiadores eclesiais classificam como restauracionismo, corrente que estimulou muitos movimentos religiosos norte-americanos do início dos anos 1900. Principiado de modo independente em várias regiões dos Estados Unidos por volta de 1800, o movimento pretendia reformar as igrejas por meio da restauração do que considerava serem os preceitos do Novo Testamento. Os restauracionistas acreditavam que a Reforma não se limitara ao século XVI. Para eles, ela havia apenas começado naquele período e se estenderia até que os últimos resquícios de tradições fossem eliminados e os ensinamentos da Bíblia – em especial, do Novo Testamento – se solidificassem, finalmente, nas igrejas. O movimento restauracionista intentava concluir a Reforma que considerava inacabada (KNIGHT, 2011, p. 29-30).

Tal como os anabatistas, os restauracionistas possuíam uma visão radical do *sola scriptura*. Eles cobravam evidências bíblicas para cada proposição que lhes fosse levantada. A Bíblia deveria ser o único guia em questões de fé e prática. Quando a Bíblia falava sobre um tema específico, eles também o faziam; quando as Escrituras silenciavam em certo ponto, eles se calavam também. O movimento restauracionista era anticredo. Sua única orientação estava nos escritos bíblicos. O espírito do movimento restauracionista direcionou grande parte da agenda teológica da maioria dos protestantes norte-americanos do início do século XIX. Ainda que algumas denominações tivessem surgido diretamente do movimento, como os Discípulos de Cristo, as Igrejas de Cristo e a Igreja Cristã, a maior influência do restauracionismo foi o incentivo de retorno à observância da Bíblia (KNIGHT, 2011, p. 30).

Um segmento restauracionista de relevo para os adventistas do sétimo dia (KNIGHT, 2011, p. 30-31), foi a Conexão Cristã, de onde dois dos três fundadores do adventismo surgiram: Tiago White e José Bates. Além deles, Josué V. Himes, que fora um influente líder milerita, também era ministro conexonista. A Conexão Cristã causou considerável impacto no adventismo milerita e posterior adventismo sabatista.

Uma terceira vertente que pautou o contexto teológico inicial do adventismo foi o metodismo – movimento metodista ou wesleyano –, de onde sai a terceira fundadora do

adventismo, Ellen G. White, que cresceu na Igreja Metodista Episcopal. A teologia metodista, assim como o restauracionismo, desempenhou grande influência na América do Norte do século XIX. O metodismo não só era a denominação que mais crescia à época, mas seu destaque ao livre-arbítrio, em detrimento da perspectiva predestinacionista do legado puritano, ajustava-se com a experiência de uma nação de mentalidade pioneira, que cria que tudo poderia ser realizado, se se desejasse e se trabalhasse por isso (KNIGHT, 2011, p. 31).

Foi o metodismo que vulgarizou ideias como a do sacrifício de Cristo para todas as pessoas, contrário à predestinação; do livre-arbítrio ao invés da vontade predestinada; do trabalho do Espírito de Deus em cada pessoa por meio da graça proveniente, que precede a graça salvadora; da salvação mediante a fé responsiva ao Espírito Santo; de que se pode resistir à graça; de que o cristão pode abandonar a graça através da apostasia. Tais proposições teológicas divergiam da mentalidade legada pelo puritanismo/calvinismo dominante no cristianismo. A interpretação metodista fazia sentido num mundo em que as ações e escolhas pessoais faziam diferença e onde o reavivalismo colaborou para a conversão de pessoas à mensagem cristã (KNIGHT, 2011, p. 31-32).

Mais uma contribuição específica do metodismo que exerceu grande influência no cristianismo norte-americano de princípios do século XIX foi o conceito de santificação propalado por John Wesley (1703-1791). Em suma, Wesley entendia que a santificação tornava a conduta do crente semelhante à de Jesus. Para ele, a justificação era uma obra instantânea, enquanto que a santificação era o processo de toda uma vida (KNIGHT, 2011, p. 32).

Outra influência a desempenhar papel de destaque no pensamento inicial do adventismo, por mais contraditório que soe, foi o deísmo, crença que rejeita o cristianismo e seus milagres e uma Bíblia sobrenatural. Na concepção deísta, em questão de autoridade final, a razão humana imperava em detrimento da Bíblia. Guilherme Miller, precursor do adventismo, havia sido adepto do deísmo. Sua geração se inseria num contexto que realizava análise racional de tudo ao redor, inclusive da religião. Miller usava essa perspectiva de pensamento no estudo da Bíblia. Quando de sua conversão ao cristianismo, ele se referia à sua experiência com o livro sagrado como um “banquete da razão” [...]. Seguindo esta orientação, o método evangelístico de Miller atingia mais o cérebro dos ouvintes do que seu coração ou emoções.” (KNIGHT, 2011, p. 33).

Tal enfoque “intelectualista da religião” exerceu papel preponderante no sabatismo e no adventismo do sétimo dia. “Ainda hoje, quando um adventista diz que alguém ‘conhece a verdade’, isso significa geralmente que a pessoa possui uma compreensão intelectual das doutrinas, em vez do significado mais amplo e experimental do conceito de ‘conhecer’ encontrado na Bíblia.” (KNIGHT, 2011, p. 34). O aspecto positivo, segundo Knight – para os adventistas –, de tal postura, está no fato de, ao devotarem tempo para o estudo das interpretações doutrinárias da IASD, identificam sua organização lógica.

O surgimento interconfessional do movimento milerita e dos adventistas do sétimo dia

Um quinto componente a formar as bases teológicas do adventismo inicial foi a influência puritana, a qual atuou com evidência na formação do mundo conceitual norte-americano do século XIX. Os puritanos destacavam a autoridade da Bíblia e a obrigação cristã com a lei, assim como sublinhavam a relevância da rigorosa observância do sábado – que para eles, na verdade, era o primeiro dia da semana, o chamado ‘Dia do Senhor’, designado e guardado como o sábado bíblico do sétimo dia. (KNIGHT, 2011, p. 34).

2 AUTORREFERENCIAÇÃO E SURGIMENTO INTERCONFSSIONAL DA IASD

Os adventistas do sétimo dia não se veem como parte, apenas, de uma denominação qualquer, mas entendem o movimento como o cumprimento de uma profecia, com uma responsabilidade peculiar: propagar a mensagem dos três anjos de Apocalipse 14:6-12, que seria o último chamado ao mundo antes da volta de Cristo à Terra. Os adventistas propõem-se a anunciar sua mensagem a todas as nações, tribos, línguas e povos. “Essa crença, aliada ao senso da proximidade do fim do tempo deste planeta, os impulsionou a um dos mais vigorosos programas missionários da História.” (KNIGHT, 2000, p. 6). Os integrantes da IASD

consideram-se portadores de uma verdade exclusiva e que deve ser pregada a todos os seres humanos [...]. No transcorrer de sua história, os adventistas do sétimo dia formataram um corpus doutrinário incorporando formas de identidade afeitas ao exclusivismo religioso em oposição ao secularismo [...] e reelaboram seus significados até hoje reencantando-se e encantando suas práticas ao incorporarem ao seu ethos símbolos da modernidade (FUCKNER, 2012, p. 160).

A IASD não se entende como apenas mais uma denominação religiosa do espectro cristão, mas a portadora de uma mensagem e verdade exclusiva, visível no emprego do termo Igreja remanescente² a si como artifício autorreferenciador e expressão de identidade, em uma postura afeita ao exclusivismo religioso.

Desde o surgimento do adventismo do sétimo dia, o conceito de remanescente ocupa posição central na autocompreensão do grupo. A autoavaliação enquanto povo remanescente do tempo do fim³ proclamada pelos adventistas, que busca bases nas profecias bíblicas, especialmente de Daniel e Apocalipse, está presente em documentos oficiais da Igreja, em obras de referências e em outras publicações representativas da denominação.

² Na percepção adventista, a Igreja remanescente seria a última e única verdadeira Igreja de Deus na história da Terra, incumbida de anunciar a derradeira mensagem de Deus aos habitantes do planeta. Os adventistas se consideram como o remanescente do tempo do fim por crerem cumprir a descrição do remanescente bíblico de Apocalipse 12:17 que consiste, em suma, na obediência aos mandamentos da lei de Deus prescrita no Êxodo e por possuir o dom profético em Ellen G. White (QUESTÕES..., 2008; HASEL, 2012).

³ Oliveira Filho (2004, p. 162) explica a base do significado da expressão para os adventistas: “Cristo ultrapassa as cortinas do primeiro para o segundo compartimento [do santuário celestial, após 22 de outubro de 1844, asseguram os adventistas], o dia da expiação, iniciando um período denominado de ‘tempo do fim’, quando ocorre o início do preparo da vinda do Messias.”

A qualificação histórica da IASD como Igreja remanescente baseia-se no senso de que ela compõe o representante contemporâneo de um pequeno grupo que, desde os primórdios do cristianismo, se manteve fiel à esperança do segundo advento de Jesus Cristo a Terra, visto ser o eleito de Deus que cumpre as disposições proféticas referentes ao fim dos tempos.

Os adventistas advogam ser o cumprimento da profecia apocalíptica, como o movimento profético conclamado por Deus para preparar os povos da Terra para estarem preparados para a segunda vinda de Cristo. Eles creem ter uma responsabilidade sagrada e única sobre si resultante de um comissionamento divino de anúncio da última mensagem de graça, o evangelho eterno, antes do advento de Jesus, o que configura o cerne das três mensagens angélicas de Apocalipse 14. Os adventistas do sétimo dia entendem que apenas eles dentre a cristandade proclama essa mensagem (HASEL, 2012, p.162).

“De acordo com a interpretação tradicional adventista das profecias, não há outra Igreja remanescente comissionada a proclamar ao mundo a mensagem do fim dos tempos.” (MUZYKINA, 2014, p. 29). Por isso, o termo remanescente mostra-se como uma qualificação oportuna em sua função de testemunha de Deus aos últimos habitantes da história do planeta. Logo, na concepção adventista, o remanescente se apresenta enquanto um movimento cristão identificável e concreto.

A aplicação do conceito de remanescente à Igreja Adventista tem causado, por vezes, fortes reações contrárias por parte de outras comunidades cristãs. Tais grupos afirmam que o conceito de remanescente estimula uma atitude arrogante, exclusivista e julgadora em relação à espiritualidade dos outros. A força dessa crítica parece que tem sido mais forte no contexto de diálogos interconfessionais. (HASEL, 2012, p. 162).

Não obstante, a IASD se constitui como herdeira direta do movimento milerita, que incluía crentes de diversas denominações, liderados por Guilherme Miller (1772-1849). Os adventistas são fruto de um esforço interconfessional. “[...] o movimento adventista primitivo (caracterizado pelos mileritas) tinha aspectos ecumênicos: surgiu em muitas igrejas. Desse modo, os adventistas vieram de muitas denominações.” (ASSOCIAÇÃO GERAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2012, p. 142). Como já aludido, “os fundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia eram de várias procedências denominacionais.” (QUESTÕES..., 2008, p. 55). Miller nunca orientou os que se integravam ao seu movimento a deixarem suas igrejas de origem. Ele escreveu na edição de 18 de novembro de 1842 do *Midnight Cry*: “Tenho aconselhado todas as pessoas de cada denominação a não se separar de suas igrejas.” No entanto, a frase continuava, ‘se puderem viver entre eles e desfrutar os privilégios cristãos.’” (KNIGHT, 2015, p. 141, grifo do autor).

O milerismo era composto por 44,3% de metodistas; 27% de batistas; 9% de congregacionalistas; 8% da Igreja Cristã; 7% de presbiterianos, ao somar os holandeses reformados, episcopais, luteranos e quakers (SILVA, 2006, p. 3). Ao tratar do número de

O surgimento interconfessional do movimento milerita e dos adventistas do sétimo dia

pastores, ministros, evangelistas e pregadores de diferentes igrejas cristãs que aderiram e colaboraram em espalhar a mensagem milerita, Maxwell apresenta dados similares no que tange às filiações denominacionais. Ele diz que estimativas indicam que eram de “700 a 2.000. De 174 ministros evangélicos *conhecidos*, cerca da metade era constituída por metodistas, um quarto por batistas e o restante incluía congregacionais, cristãos, presbiterianos, episcopais, luteranos, reformados holandeses, [quakers] e vários outros.” (1982, p. 16, grifo do autor).

Darius (2009, p. 56-57) indica que o movimento milerita não foi fruto de uma Igreja específica ou de eminentes filósofos ou teólogos. Ao se aproximar o fim da década de 1830, o milerismo conquistou vários ministros de diferentes denominações com seu ponto de vista. O mais importante foi Josué V. Himes, da Conexão Cristã, convertido à mensagem de Miller em 1839 (KNIGHT, 2000, p. 12). Himes era um influente pastor da capela de Chardon Street, Boston, e reconhecido líder do movimento interdenominacional. “Nos quatro anos que se seguiram, o ativista Himes tornou o milerismo e o adventismo palavras familiares à América do Norte.” (KNIGHT, 2000, p. 13).

A mensagem milerita excedeu os limites da América do Norte. Os mileritas não enviavam missionários, mas publicações eram destinadas a vários portos marítimos. Himes escreveu durante o verão de 1842 que “as publicações mileritas haviam sido ‘enviadas a todos os postos missionários conhecidos do globo’” (KNIGHT, 2000, p. 15).

A IASD entende que a quase totalidade das crenças da Igreja são mantidas por um ou mais grupo de cristãos. Em conjunto com os “cristãos conservadores” e os “credos protestantes históricos”, os adventistas creem (QUESTÕES..., 2008, p. 50-51): que Deus é soberano criador, mantenedor e governador do universo, eterno, onipotente, onisciente e onipresente; que a Trindade compreende Pai, Filho e Espírito Santo; que a Bíblia constitui a revelação inspirada de Deus para os homens; que Jesus Cristo é Deus real; que o Espírito Santo participa dos atributos da divindade com o Pai e o Filho; na encarnação de Cristo por meio de nascimento virginal; que a morte vicária de Jesus é suficiente para a redenção humana; que Jesus Cristo ressuscitou; que Ele ascendeu aos céus; que Ele é mediador perante Deus; que Ele voltará em um segundo advento; que o homem foi criado sem pecado, mas caiu de seu estado; que a salvação por meio de Jesus se dá somente pela graça; que a nova vida em Cristo acontece por meio do novo nascimento no batismo; que o homem é justificado pela fé; que haverá julgamento de todos os homens; e que o evangelho deve ser anunciado como testemunho a todo o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1980, a Associação Geral dos adventistas criou um Conselho sobre Relações entre as Igrejas, com o intuito de orientar sobre o contato com outros organismos religiosos. Mesmo com uma postura dialogal com restrições em relação aos demais cristãos, a Igreja Adventista entende que seus membros “não foram chamados para viver em um gueto murado, conversando somente consigo mesmos, publicando principalmente para si mesmos, mostrando um espírito

sectário de isolamento.” (ASSOCIAÇÃO GERAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2012, p. 150).

Os adventistas entendem que a Igreja pode ser conduzida pelo Espírito Santo a uma mais apurada compreensão do que entende como verdade bíblica ou a encontrar melhor linguagem para expressar seu entendimento dos ensinamentos bíblicos (ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, 2011, p. 5-6). Refletir sobre suas influências e origem possibilita que a IASD reveja suas crenças fundamentais numa lógica de diálogo para cooperar com as demais confissões cristãs que têm se colocado em interação ecumênica e inter-religiosa. Considera-se que a presente revisão da história adventista permite identificar subsídios que podem contribuir para a inserção da IASD no diálogo ecumênico. ✨

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO GERAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Declarações da Igreja:** aborto, assédio sexual, homossexualismo, clonagem, ecumenismo e outros temas atuais. 3. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA (Org.). **Nisto cremos:** as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. 8. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

DARIUS, Fábio Augusto. O reavivamento milerita (1831-1844): esperando Cristo voltar... **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 18, p. 56-65, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/nepp/revista/018/ano08n1_05.pdf>. Acesso em: 20 set. 2017.

FUCKNER, Ismael. A Igreja Adventista do Sétimo Dia entre a modernidade e a pós-modernidade. **Mosaico**, Goiânia, v. 5, n. 2, p. 159-169, jul./dez. 2012.

HASEL, Frank M. O remanescente na teologia adventista contemporânea. In: RODRÍGUEZ, Ángel Manuel. **Teologia do remanescente:** uma perspectiva eclesiológica adventista. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012, p. 160-180.

KNIGHT, George R. **Adventismo:** origem e impacto do movimento milerita. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

_____. **Em busca de identidade:** o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

_____. **Uma Igreja mundial:** breve história dos adventistas do sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

MAXWELL, C. Mervyn. **História do adventismo.** Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1982.

MUZYKINA, Yelena. Retrato de um mundo pluralista. Os desafios e oportunidades oferecidos pelo cenário da pós-modernidade à Igreja Adventista. **Ministério**, Tatuí, ano 86, n. 513, p. 28-30, jul./ago. 2014. Disponível em: <<http://publicacoes.s3.amazonaws.com/materiais/2014/RevMinisterio3bim.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2017.

O surgimento interconfessional do movimento milerita e dos adventistas do sétimo dia

OLIVEIRA FILHO, José Jeremias. Formação histórica do movimento adventista. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 157-179, set./dez. 2004.

QUESTÕES sobre doutrina: o clássico mais polêmico da história do adventismo. Notas e introdução histórica e teológica por George R. Knight. Ed. anotada. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

SCHWARZ, Richard W.; GREENLEAF, Floyd. **Portadores de luz**: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2009.

SILVA, Marcos. A penetração da educação adventista no Brasil. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (Orgs.). **Navegando pela história da educação brasileira**. Campinas: HISTEDBR, 2006.

TIMM, Alberto R. Escatologia adventista do sétimo dia, 1844-2004. Breve panorama histórico. In: TIMM, Alberto R.; RODOR, Amin A.; DORNELES, Vanderlei (Eds.). **O futuro**: a visão adventista dos últimos acontecimentos. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2004. p. 265-302.